

TEB, Marcelo Iorio, GLO, Casa Chacra, SER, Jovana Figueiredo

## GUGA CHACRA

Figurante do Puguê e X-pugueiro  
informação e cultura



### Ninguém consegue parar Trump

A pesar de ser uma das mais repugnantes figuras políticas da história da democracia dos EUA, nada consegue parar Donald Trump na sua caminhada em direção à Casa Branca pelo voto da maioria dos americanos. O republicano tróvado adversários com forte peso político como Nikki Haley e Ron DeSantis nas primárias. Foi uma aniquilação maior do que em

2016, quando seus rivais ainda ofereciam alguma resistência. O Partido Republicano virou o partido trumpista. São raros os que ainda se levantam contra o ex-presidente, ainda que ele seja réu em 91 acusações criminais e tenha sido condenado em uma série de processos civis. Aliás, quanto maiores os problemas dele na Justiça, maior a sua popularidade.

A eleição está ainda a oito meses de distância é impossível prever o futuro. Acontecimentos aleatórios ainda podem reverter a tendência positiva para o republicano. Mas o cenário nunca esteve tão favorável para Trump, que hoje seria eleito com folga presidente. E o que indicam todas as pesquisas. Sempre está à frente de Joe Biden, um dos mais impopulares presidentes da História dos EUA. Não se trata de algo transitório. Sua liderança está consolidada, incluindo nos chamados estados-pêndulo, como são conhecidos aqueles sem predomínio democrata ou republicano.

Dois são os motivos principais para Trump ser hoje o favorito à Casa Branca. Em primeiro lugar, o mérito dele. Gostou ou não do republicano, ele tem uma capacidade inigualável de se

comunicar com enorme parcela do eleitorado americano. Revolucionou a política dos EUA e transformou o partido, que deu uma guinada em sua ideologia. Estou entre seus críticos e o considero uma ameaça à democracia dos EUA. Mas muitos no país se encantam com seu carisma, concordam com suas ideias e o veem como um salvador. Seria quase uma divindade. Não há paralelos na História dos EUA. Nem mesmo Ronald Reagan e Barack Obama eram tão idolatrados por seus seguidores. Trump se tornou algo mítico.

O segundo motivo é o adversário. Pode-se criticar ou elogiar a Presidência de Biden. Conseguiu avanços importantes em áreas como infraestrutura. Os números macroeconômicos são positivos, ainda que a queda da inflação numericamente não tenha reduzido o efeito negativo da alta dos preços ao longo dos últimos três anos. Em outras questões, como imigração, sua performance é medíocre na ava-

liação da população. Seu posicionamento na guerra em Gaza certamente custará votos entre os jovens. O grave, no entanto, não é o "presidente" e, sim, o "candidato" Biden. Ele não inspira os eleitores como Obama. Não tem o charme de Bill Clinton. Sua imagem ficou associada à fragilidade e à senilidade. Podem até achar injusto, mas eleitoralmente o impacto está claro em pesquisas, nas quais mesmo entre os democratas a maioria demonstra preocupação com a sua idade avançada.

O Partido Democrata teve anos para se preparar para este momento. Biden era visto como um presidente de transição para uma nova geração de líderes democratas. Mas a última novidade do partido foi Obama há 16 anos. Kamala Harris chegou a ser vista como uma possível sucessora do atual presidente, mas acabou fracassando (ou sendo sabotada). O ideal teria sido Biden desistir para a realização de prévias competitivas e o vencedor ou vencedora ter legitimidade e força para vencer as eleições. Agora é tarde. Os democratas irão mesmo com um candidato medíocre contra Trump. Podem até ganhar, mas o cenário atual é péssimo.

## Lula critica oposição a Maduro na Venezuela

Presidente fez paralelo com as eleições presidenciais brasileiras de 2018, quando esteve impedido de concorrer e 'ao invés de ficar chorando' indicou outro nome: principal opositora, barrada no pleito, diz que ele 'valida abusos de um autocrata'

ALICE CRATO  
dois candidatos opostos ao  
Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que está "feliz" com a escolha da data para a eleição na Venezuela, marcada para 28 de julho, dia do aniversário de Hugo Chávez (1999-2013), e ao mesmo tempo fez críticas à oposição ao presidente Nicolás Maduro. Lula insistiu que a principal opositora ao chavista, María Corina Machado, está "chorando" por ter sido declarada inelegível e fez um paralelo com as eleições brasileiras de 2018, quando ele esteve impedido de concorrer por estar preso em decorrência da Operação Lava-Jato.

### 'NADA VALE'

Questionado se é possível ter uma eleição justa no atual contexto, o brasileiro afirmou que o melhor do mundo inteiro foram convidados a acompanhar o pleito. Lula fez a ressalva, porém, de que, mesmo com a presença dos opositores, se a oposição venezuelana tiver o mesmo comportamento da brasileira, "nada vale". — Sabe que eu fiquei feliz que foi marcada eleição na Venezuela. O que disseram na reunião que tive na Guiana é que vão convidar o melhor do mundo inteiro. Mas se o candidato da oposição tiver o mesmo comportamento da oposição daqui, nada vale.



Parceria. Maduro e Lula durante encontro às margens da Ccsc, na semana passada. presidente espera que eleições sejam "as mais democráticas possíveis"

Questionado, Lula disse depois que não fez nenhum paralelo entre o contexto brasileiro e o venezuelano, mas citou as eleições de 2018, afirmando que "ao invés de ficar chorando", indicou outro candidato para a disputa, neste caso, Fernando Haddad, atual ministro da Fazenda, que acabou sendo derrotado por Jair Bolsonaro.

— Eu não fiz uma ligação entre a situação da Venezuela e do Brasil. Eu só disse a vocês que houve aqui nesse país, eu fui impedido de concorrer às eleições de 2018. Ao invés de ficar chorando, eu indiquei um outro candidato, que disputou as eleições.

Após as declarações, María Corina Machado, principal opositora de Maduro e impedida de concorrer após ser inabilitada por 15 anos pelo Tribunal Supremo da Venezuela, alinhado ao chavismo, rebateu Lula e disse que o presidente brasileiro "está validando os

abusos de um autocrata que viola a Constituição".

"Eu chorando, presidente Lula? Você está dizendo isso porque sou mulher? Você não me conhece. Luto para fazer valer o direito de milhões de venezuelanos que votaram em mim nas primárias e dos milhões que têm o direito de fazê-lo numa eleição presidencial livre em que derrota-se Maduro", respondeu María Corina no X, antigo Twitter. "O senhor está validando

os abusos de um autocrata que viola a Constituição e o Acordo de Barbados, que o senhor afirma apoiar. A única verdade é que Maduro tem medo de me confrontar porque sabe que o povo venezuelano está hoje na rua comigo."

A realização de eleições livres, justas e transparentes este ano faz parte do acordo firmado em Barbados, no fim do ano passado, entre governo e oposição venezuelanos, com a presença de observa-

dores internacionais. Uma das cláusulas previstas no documento exigia que os candidatos opositores tivessem permissão para recorrer de decisões judiciais que os desqualificassem para o cargo.

Em janeiro, no entanto, o Tribunal Supremo ratificou a inabilitação da líder opositora, na prática impedindo que ela concorresse contra Maduro, que busca mais uma reeleição. Além da candidatura, a opositora das primárias opositoras, Henrique Capriles, que concorreu duas vezes à Presidência, também teve a inabilitação ratificada.

### ENCONTRO COM SÁNCHEZ

De acordo com o Conselho Nacional Eleitoral, o período para inscrições de candidato será de 21 a 25 de março, e a campanha eleitoral está marcada para 4 a 25 de julho.

Lula deu as declarações após encontrar o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, no Palácio do Palácio. O presidente brasileiro ainda afirmou que espera que as eleições sejam "as mais democráticas possíveis" e que é preciso esperar o pleito para saber se o processo será democrático.

— Além disso, eu só posso esperar que haja as eleições para a gente saber se foram democráticas ou não. Vocês sabem que aqui no Brasil, até hoje, um presidente que perdeu as eleições não aceita o resultado das eleições.

## Posição sobre Gaza 'mina capacidade de intermediação'

Para diplomata israelense, Lula não pode tomar partido contra qualquer dos lados

RENATO VASCONCELOS  
ministro das Relações Exteriores  
do Brasil

O vice-diretor da divisão de América Latina e Caribe do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Jonathan Peled, criticou ontem a postura do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em relação ao Estado judeu, avaliando que ela minava a capacidade de Brasília de ter algum papel na resolução do conflito na Faixa de Gaza.

— Para nós [a postura de Lula] significa que o Brasil, que diz ser, pretende ser uma potência regional, talvez uma potência global, não pode desempenhar tal papel se tomar partido contra qualquer dos lados — disse durante um encontro com jornalistas brasileiros na sede da Chancelaria, em Jerusalém. — Se você isola Israel ou aposta contra Israel, você não pode se considerar uma potência regional ou global

que possa ter qualquer papel na negociação ou intermediação do que seja.

Em viagem à Etiópia no mês passado, Lula descreveu o que está acontecendo em Gaza como "genocídio", afirmando que não existia nada parecido em nenhum outro momento histórico, apenas "quando Hitler resolveu matar os judeus". Desde então, o presidente reiterou publicamente a acusação contra a ação militar de Israel em Gaza e reforçou seu apoio à causa palestina.

Quando é uma declaração antisemita como a do presidente Lula, ou quando nossa existência é posta em questão, trata-se de uma linha vermelha. Lula não disse nada sobre a existência de Israel, mas comparou as atividades de Israel aos nazistas de Hitler, para nós, é também uma declaração inaceitável — afirmou.

Pouco após a fala, Israel declarou o presidente persona non grata. O chanceler israelense, Israel Katz, disse que a declaração não seria perdida ou esquecida até que Lula se retratasse publicamente.

Peled também acusou outros presidentes latino-americanos, como o colombiano Gustavo Petro e o chileno Gabriel Boric, de fazer declarações antisemitas, mas ressaltou que, no caso brasileiro, os comentários surgiram após uma colaboração para a retirada de um grupo do Brasil e de seus familiares de Israel e de Gaza — e em um momento em que um brasileiro, Michel Nisembaum, de 59 anos, ainda é mantido em cativeiro.

— O que recebemos em troca? Declarações antisemitas do presidente Lula. Apesar das críticas, Peled afirmou que o governo de Israel está disposto a acalmar a situação com o Brasil, afirmando que a expectativa da Chancelaria é de que as autoridades brasileiras também estejam dispostas a uma retomada rumo à normalização.

Ontem, a diretora do departamento do Ministério das Relações Exteriores de Israel para agências da ONU, Judith Galil Metzger, afirmou que os purificadores de água enviados pelo Brasil para Gaza e bloqueados no Egito foram impedidos de entrar por ferir a lista de produtos autorizados pelo governo de cruzar a fronteira. Ela negou que a medida seja uma retaliação às recentes declarações do presidente.

A retenção da carga foi noticiada pelo deputado italiano Angelo Bonelli, que disse em que 400 pacotes estavam na passagem de Rafah, 30 enviados pelo Brasil.

(Viagem feita a convite da StandWithUs, organização internacional de educação que apoia Israel e combate o antisemitismo)